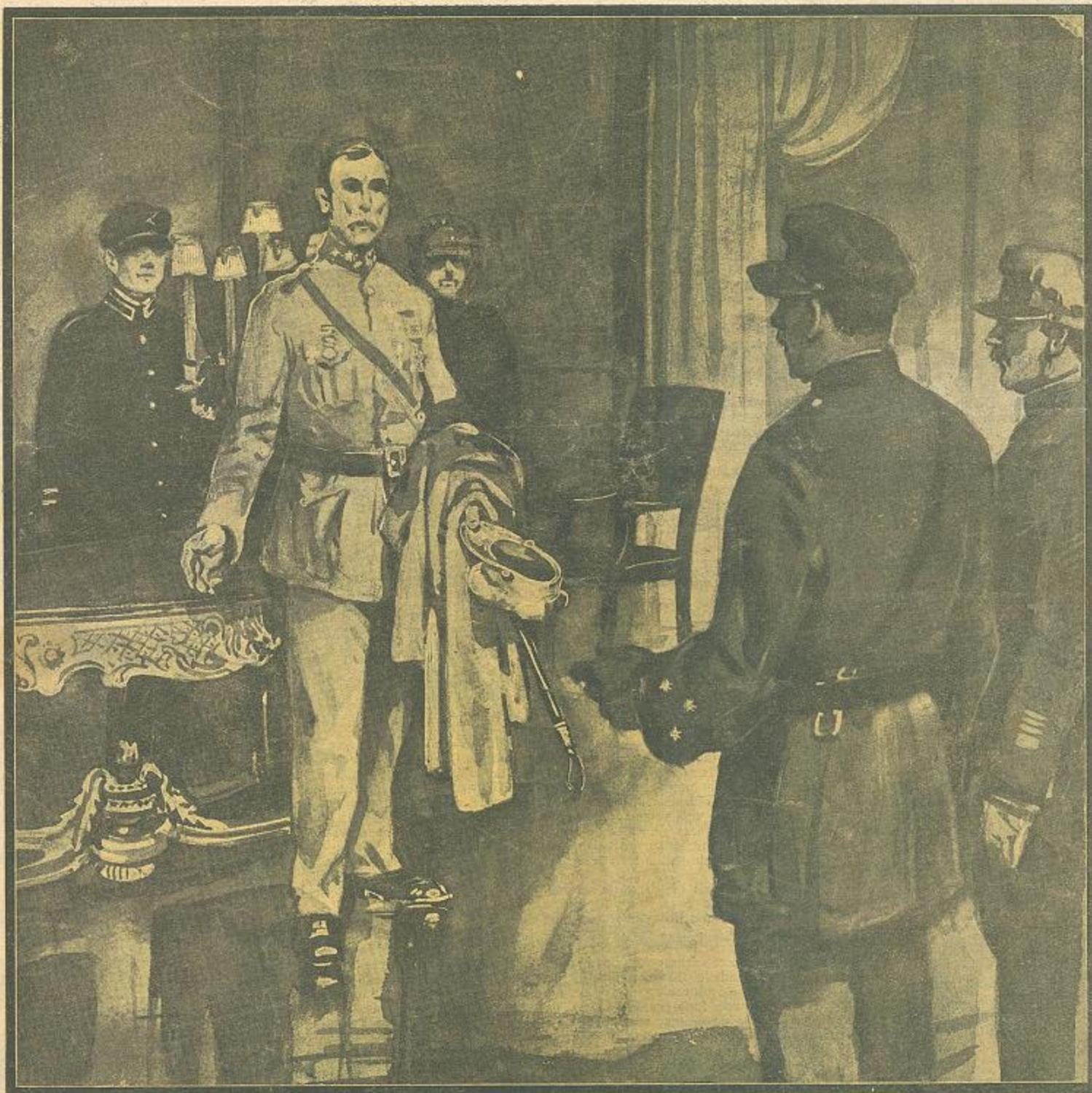
A maior tiragem de todos os semanarios portuguezes

ANO II - NUMERO 79 PREÇO AVULSO 1 ESCUDO 12 PAGINAS

O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO
R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA.
COLONIAS E BRAZIL.

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS — TEATROS, SPORTS & AVENTURAS — CONSULTORIOS & UTILIDADES.

O encontro historico do general Gomes da Costa e do general Camacho na sala Imperio do Palacio de Belem

Estou ás suas ordens, senhor general!

Foram as unicas palavras proferidas pelo ex-presidente do governo ao partir do palacio de Belem, acompanhado pelo general Camacho, com destino á cidadela de Cascaes.

O DOMINGO ilustrado

ANO II — N.º 79

LISBOA 18 DE JULHO DE 1926

PROPRIEDADE DA EMPREZA O DOMINGO Ilustrado

DIRECTORES: LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—R. D. Pedro V, 18—Tel. 631 N. — CHEFE DA REDACÇÃO HENRIQUE ROLDÃO—EDITOR JULIO MARQUES—IMPRESSÃO—R. do Seculo, 150

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ECOS

o direito de rir

Este jornal não tem politica. Comenta alegremente a vida, sem o sorriso amarelo dos descontentes, sem a má vontade contrafeita dos postos á margem. Desafiamos quem quer que seja a que prove que nas linhas—ou nas entrelinhas—deste jornal existem as insinuações deprimentes dos maus humoristas e dos peores patriotas. Pois tão clara conducta, e tão larga e benevola atitude de espectativa parece não são comprehendidas das pessoas que tem que exercer o cargo antipatico de censores da Imprensa. Os nossos comentarios alegres, a historia pitoresca e anedoctica que sempre temos registado atravez todas as conjuncturas da vida portuguesa, são agora implacavelmente trucidados pela censura. Dizer a um jornal como o nosso: Não ria!—seria o mesmo que por os nossos chistes no «Diario do Governo» o jornal que aliás bastas vezes parece humoristico.

Sem politica, temos, no entanto pelas populares reportagens que fizemos dos ultimos acontecimentos, merecido os maiores louvores não só do general Gomes da Costa como de figuras das mais gradas da actual situação, que apreciam a despretenção e a mocidade deste semanario.

Por todos os motivos não meremos o lapis azul, cujos efeitos de toda a ordem são bem palpaveis.

Um novo jornal

O Sr. Homem Cristo filho vai lançar um novo jornal—«A Informação». Defenderá uma politica moderna de reconstrução portuguesa, fóra e acima dos partidos. Desejamos-lhe muitas felicidades—as correspondentes aos altos designios que norteiam esta iniciativa.

Um livro

O nosso particular amigo Sr. D. José Manuel Barahona acaba de lançar mais um livro da sua autoria sob o titulo «Flôres do Campo», em que o seu espirito sempre scintilante se manifesta mais uma vez como um invulgar contista. Ao nosso amigo as nossas felicitações.

DIVIDAS...

—Meu tio, imploro o seu auxilio . . . Tenho dividas que bradam aos céus . . .
—Bradam . . . e eu que sou tão surdo! . . .

Má língua

AO BOATO

Lisbôa é o coração de Portugal
—no dizer mais ou menos elegiaco
de quem não vê que assim agoira mal
os infaustos destinos de um cardiaco . . .

(Pobre paiz que ao vinho é Terra-Mater!
Attendendo á barbarie que o define
devia resumir muito o caracter
numa folha de parra . . . a «gabardine».)

Urbe de pitorescos explendores
cada qual mais gabado e photogénico,
—que no tempo das sêdes e calores
se resigna a beber ácido phénico;

Terra em que qualquer ente maldiz entes
que nunca lhe fizeram mal nenhum,
e em concerto com outros maldisentes
acclama os deuses do ferrum-fum-fum;

Cidade cuja c rda umbilical
é um tubo de borracha num batóque.
e onde já è feição . . . municipal
isto de se viver sem Rei nem Roque;

Lisbôa, emfim! Lisbôa. Esta horta. Liça
para torneio de ambições mesquinhas.
Esta grande beleza de hortaliça.
Este infernal viveiro de alfacinhas,

—só acata uma Lei que eu não acato
por não querer viver horas afflictas,
e porque na verdade quando a cato
lhe encontro innumeraveis parasitas.

O Boato! A Magestade—Mafarrico
que mette os seus vassalos num inferno
tendo por chanceller o Mexerico,
e a Imprensa por Diario do Governo!

Homem? Mulher? A escura magestade
é corpo vivo e sombra passageira . . .
Passeia sem cessar pela cidade
e vae tomar cafe á Brazileira . . .

Não tem morada. Em toda a parte mora.
Sendo evidente, escusa-se á evidencia . . .
Governa ás vezes por um quarto de hora
nos quartos para pouca permanencia.

Ha quem a veja com vestidos claros.
E a fulvas elegancias se commette,
subindo o Chiado em automoveis caros
e bebendo chasinhos na Garrett . . .

Reflexo—não se sabe de que chamma.
Echo—nunca se sabe de que grito.
Alma damnada que o seu fel proclama;
—mas alma sem ter corpo de delicto . . .

Espuma venenosa em mar sem ondas.
Poema lendario de um talento gêbo.
Chufas. Chymeras. Garotices. Sondas.
Tédio, tolice, zurro, asneira . . .—sêbo!

Este sêbo não foi definição
appensa ás mais que não definem nada;
foi uma «vigorosa» exclamação,
responso de uma veia já exgottada.

E' que não me lembrei durante o hymno
desta legenda ideal, que melhor quadra
ao Boato, esse insanavel desatino
que não merece mais do que uma quadra:

—«O Boato é uma bóla de sabão
de bojo avermelhado e façanhudo,
com que faz seus ensaios de balão
um malandro a soprar por um canudo.—»

TAÇO

questão prévia

Dizia-me ha dias um ingenuo amigo, que nutre o entusiasmo de todos os voluntarios da salvação publica:

—O que eu mais queria, neste momento, era ser ministro das Finanças...

Eu, que não abrigo nem sequer compreendo estas ambições patrioticas de redenção nacional pelo equilibrio habilidoso da receita com a despeza, expuz igualmente o meu desejo de ocasião:

—Pois o que eu mais queria, neste momento, dado o caso de me ter saido a sorte grande ou de ter herdado dum tio que não tenho na America, era encetar uma larga e bem saboreada viagem atravez dos continentes e dos mares, com paragens sentimentais nos lugares onde alguma grande civilisação floresceu ou onde os homens de outros seculos se acometeram com sanhuda furia, entre o chocar de ferros e os ralos de agonia, numa destas assembléas de pancadaria que ficaram célebres na historia.

Nada de apertados itinerarios da Cook, liberdade de movimentos e de fantasia. Depois de meditar um pouco, junto ao leão da planicie de Waterloo, sobre o transtorno que teria causado a Napoleão o não ter vencido aquela batalha, abalar para os vales da Mesopotamia, a evocar e reviver as epocas brilhantes em que assirios e caldeus davam as cartas naquelas paragens. Assistir, na asseada Holanda, á passagem a ferro dos pavimentos das ruas e ao meter em goma dos respectivos passeios, e imediatamente, numa ancia, justificavel num lisboeta, de vêr cidades sujas, transportar-me como um heroi de Julio Verne á sebentissima costa da Siria e desde Jafa ás margens do lago de Tiberiades caminhar sobre as pegadas de Raposão, o impuro romeiro da «Reliquia». Depois duns dias da fumorosa Londres, uma semana de aldeia suissa. Para repousar duma complicada travessia do mar do Arquipelago, rebuscando lixos historicos, a vastidão ondulante e verde dos Pampas.

* * *

Viajar, deslocar-me, ver, neste globo que é a nossa paixão eterna, como uma formiga sobre uma laranja: percorre-lo em todas as direcções, vêr como vivem e sofrem os homens de todas as côres e sob todos os climas. Pescar a foca com os esquimós, caçar o tigre com os indios, participar dos complicados rituais budistas e recusar convites para banquêtes de antropofagos. Poder, por simples obediencia ás solicitações da fantasia e da imaginação, assistir a uma *première* em Paris e partir no dia seguinte para o Mexico, onde se anunciasse um atraente combate de galos. Entre as vagas ruinas de Cartago seguir a sombra de Salammbô, envolta sacrilegamente no raimph de Tanit, e logo atravessar á pressa o Mediterraneo para surpreender em Malaga uma noite de luar e *jole*, cheia de som das violas que sobe dos pateos frescos onde o repuxo murmura a saudade do tempo em que era mouro e a sua agua limpida era considerada um dom precioso de Alah e não passava pelo contador.

De que remoto antepassado, marinheiro de longo curso ou bufarinheiro aventuroso, teria herdado eu esta ancia de perpetuo deslocamento, este desejo insatisfeito de surpreender novas civilisações, costumes novos e paisagens diferentes? Acaso se albergou em mim, dando consistencia á teoria espirita, a alma do Ashverus, o Judeu Errante?

Creio poder explicar, por forma mais comesinha, se não a origem da minha tendencia viajera, pelo menos a sua exacerbação de momento. E' que quem viaja não lê os jornaes portugueses, sempre dificeis de encontrar lá fóra, e como os jornais estrangeiros, referindo-se a Portugal, erram por igual forma os factos e os nomes das pessoas e das localidades, acontece que, emquanto se anda afastado do país, se gosa duma grande paz de espirito, porque não nos infiltram nos ouvidos os mais inverosimeis boatos e nem sequer pelos «carnets mondains» temos conhecimento das pessoas que regressam ou partem para os Açores. E é completa a ilusão de que Portugal é feliz.

ECOS

Matar

Um curioso de estatistica escreve-nos informando que desde janeiro se deram na metropole portuguesa, que se saiba, setenta e cinco casos de crimes praticados por homens contra as suas companheiras. Vinte e oito foram fatais a estas. Dezaseis deixaram-nas em perigo de vida; os restantes trinta e um não as obrigaram a permanecer nos hospitais.

Todos estes crimes foram praticados com a capa passional. Nenhum dos criminosos, entre os quais ha vinte e oito assassinos, se declarou arrependido.

Ora a verdade é que uma tão assustadora serie de crimes deste genero só em Portugal tem logar. Porquê? Somos mais amorosos, mais intensos na nossa paixão, mais doentios ou exclusivos nas nossas afeições? Nada disso. E' porque entre nós se convencionou, mais do que lá fóra, o direito de matar a mulher. Mata-se para «lavar a honra». Mata-se por capricho, por maldade, por despeito, pela raiva de inferioridade — como nesse crime terrivel que já esqueceu, da Rua Saraiva de Carvalho—e é sempre—o «drama passional». E' sempre o perdão do tribunal e o discurso lamecha do advogado, e é sempre uma pobre mulher, quantas vezes inocente, atirada num molho de sangue á vala comum . . .

Aos fotografos amadores

O «Domingo» aceita e publica de bom grado qualquer fotografia que os seus numerosos leitores decidam enviar-lhe e que se repute com interesse suficiente para as paginas de «O Domingo». Especialmente nas praias e termas, os aspectos de veraneio prestam-se a fixações curiosas.

CAÇA

—Olha, menino, para convenceres tua mulher de que foste de facto á caça, será melhor não comprares bicho nenhum . . . Assim é mais facil de acreditar . . .

Humorismo

crónica alegre

POSSES

HA quem afirme que somos um paiz de poucas posses. Já é vontade de mal dizer. Nos ultimos trinta dias tivemos vinte e uma. Contei-as eu e as fotografias viéram em todas as gazetas da grande circulação. Refiro-me, escusado será dizê-lo, ás posses de ministro. Houve alguns que a tomaram de manhã e a entregaram á tarde. Quasi não chegaram a demitir ninguem.

Ora não sei se já repararam no ridiculo dessas praxes. Passa-se sempre a mesma cousa; dizem-se sempre as mesmas palavras. Como comparecem os funcionários e ha tolerancia de ponto, não são simplesmente palavras deitadas ao vento—e o silencio é de ouro—é tambem tempo perdido—e o tempo é dinheiro.

Se estamos em marés de economías, porque não resolve o governo este assunto duma forma definitiva, mandando gravar nas duas faces um disco de gramofóne e encarregando um continuo de confiança de o pôr a funcionar, em dia de mudança ministerial, na sala nobre onde essas cerimónias se passam?

Dum lado do disco falaria o presidente do governo:

—Meus senhores. E' com acentuado jubilo que deposito a pasta deste departamento do governo nas mãos do cidadão ilustre e intemerato republicano que a meu lado vêdes. Tem tudo para ser um ministro excelente: inteligencia, espirito de sacrificio, etc. Aersc-os a issocenet.m mua inraianocg otatl os untos assd.ead rsocuvea-beu Pe durPoá, t oprtnao, soldtuá-es dedes o see iincoi e noã es evár ebomaradça orp asidei preconcdasebi. Saberá, posso garanti-lo, dignificar a Patria e a Republica.

Do outro lado falaria o novo ministro:

—Meus senhores. Nada me indicava para o logar que vou ter a honra de ocupar; mas a hora é de sacrificio e aceitei-o. Não descurarei o estudo dos grandes assuntos que assoberbam este ministerio. Para isso, conto absolutamente com a dedicação dos magnificos funcionários que vou ter sob as minhas ordens. Sei que nada os preocupa mais do que o trabalho dos seus cargos. Até mesmo os que, por motivos de força evidentemente maior, não

comparecem ha mêses nas repartições, até esses cogitam em casa e pela rua nos problemas que vão ajudar-me a resolver. Como não sou orador, o que acontece a noventa e nove por cento dos portuguêses que fazem discursos, fico-me por aqui, garantindo ao país que tudo farei para dignificar a Patria e a Republica...

Com este disco, que transitaria pela Arcada debaixo do braço do velho continuo de confiança, poupava-se um tempo precioso. Os ministros assinariam o livro do ponto vulgar e por aí se conferiria mais tarde o dia da entrada e o da saída.

E, se o velho continuo um dia se enganasse e pusesse a funcionar um disco do Caruso ou o da *Canção das Rosas*, não se perdia nada, podem crer...

O BÊCO DA GLÓRIA

Não vale a pêna ser-se grande homem na nossa terra.

Factos muito recentes o demonstram. Lá fóra, as figuras gradas são por vezes apeadas dos seus pedestaes; mas recolhem á vida particular com um certo prestigio que se vae mantendo pelo tempo fóra. Em Portugal ha prestigios formidavais que não chegam a durar oito dias. Diz-me alguem aqui do lado que talvez isso provenha das bases falsas em que esse prestigio assentava. Até certo ponto e em muitos casos assim sucéde; mas a verdade é que nos falta, a nós portuguêses, a capacidade de admirar. Porque somos mais inteligentes que os outros povos? Bem sabemos que não. Porque exactamente a nossa cultura é sempre relativamente inferior não conseguimos apreciar, na sua justa medida, o valor alheio. Daí a familiaridade com que tratamos os homens de merito real e de obras levantadas. Nenhuma hierarquia nos impressiôna e muito mênos a do talento. Só numa reparámos; na do dinheiro e isso para invejar e desejar a morte, precedida de tormentos, aos que têm palacêtes e automoveis.

Porque a nossa vida mental é restrita e acanhada, ignoramo-nos uns aos outros quasi completamente. De quando em quando temos uma surprêsa. Descobrimos que, em determinado buraco, ha um homem de valor que vem desde ha longos anos consagrando todas as horas da sua existencia a uma obra que conseguiu fazer notavel. Fala-se três vezes no caso e, depois, esse nome, se não esquece totalmente, fica pelo mênos a cobrir-se de silencio. Não nos orgulhamos dos nossos valores, não os citamos, não os impômos. Quasi sempre desconfiamos dêles.

Por isso, quando vejo alguem agitar-se, mexer-se, embriagar-se com a gloriola facil que é feita das parangonas dos jornaes, espéro tranquilamente quinze dias. Ao cabo de duas semanas ou já se não fala nêle ou ha a seu respeito um côro quasi geral: —«Fulano? E' uma besta!...»

AMERICA SÊCA

Num estado americano, célebre pela severidade com que é imposta a lei da secura, entra num comboio um cavalheiro que põe na rêde uma cesta de verga fechada. Passados instantes, esta começa a pingar.

O viajante que vai por baixo e sente

a cabeça molhada, apalpa-a com os dêdos, leva-os ao nariz e pergunta muito em segrêdo ao dono da cesta:

—Whisky?

O outro abana serênamente a cabeça e explica:

—Fox-terrier...

ANDRÉ BRUN

NO PROXIMO NUMERO

NOVELA COMICA

Uma noticia-alarmante

DE

AUGUSTO CUNHA

QUEDAS

—Quando eu era limpa-chaminés caí uma vez dum 6.º andar...
—E não morreu...
—E' verdade! Mas quem foi que lho disse?

MOCIDADE

—Não achas, querido, que esta rosa na frente do chapeu me remoça dez anos?...
—Acho, acho. Olha, será melhor pôres rosas em toda a volta...

Curiosidades

PARQUE DE BORBOLETAS

Os parques de borboletas não são de muito recente criação. Em 1870 já o entomólogo inglês William Watkins fundara em Eastbourne o primeiro estabelecimento lepidoptericola ou parque de borboletas, constituido por um vasto jardim com muitas árvores, flores e arbustos, ocupando uma superficie de 4000 metros quadrados. Fica num lugar abrigado dos ventos fortes e está completamente cercado e coberto por uma rêde de arame. Nêle voam, em liberdade, alguns milhões de insectos, pertencentes ás mais variadas especies, e alguns dos quais são comprados a pêso de ouro pelos coleccionadores e Museus de Historia Natural. Em França existem hoje várias explorações dêste género: porém, o que de facto nelas se consegue é a criação das mais raras especies de bicho de seda, realisada com o fim de fazer cruzamentos entre as mais novas variedades e obter assim uns exemplares de borboletas que são o assombro dos coleccionadores. E' com este fim que se procuram aclimatar, em França, bichos de sêda exóticos.

A MORTE DUM FANÁTICO

Ha cêrca de um ano faleceu em Los Angeles o snr. Hermam Schalow, fundador duma religião estranha, que tem bastantes adeptos na California. Schalow morreu vitima dos ritos que criou. Os jornaes contaram a sua morte da seguinte maneira: durante uma reunião de fieis, que teve lugar em casa dum cunhado de Schalow, êste foi estendido, semi-nú, sôbre uma mesa, deitado sôbre o ventre e solidamente amarrado. Depois, uma mulher agarrou num ferro em brasa e imprimiu na planta dos pés, nos braços e nuca de Schalow algumas horriveis queimaduras, que provocaram a morte do padecente, o qual expirou sem um queixume, vítima do súplicio que êle proprio desejara.

QUALIDADES DA CERVEJA

A cerveja contem água, alcool, dextrina, glicose, matérias azotadas e sais, substancias gordurosas em pequena quantidade, oleo, essencia de cevada, essencias aromáticas, um principio amargo, substancias generosas e corantes e outros principios de lúpulo, ácido carbónico, ácido áctico, fosfatos de potassa, de magnésia e de cal, cloretos de óxido de sódio e de pótassio, e sílica. Possui propriedades que se não acham reunidas em qualquer outra bebida. E' muito nutritiva, porque contem as partes constituintes da cevada, ou antes, as substâncias que provêm da decomposição desta (açucar, dextrina e matérias albuminosas). A cerveja boa contem 48 gramas por litro de substâncias solidas, constituidas por dextrina, glicose, matérias azotadas e sais minerais. O poder nutritivo dessas 48 gramas é o mesmo que existe em igual pêso de pão.

Como foram presas as Aguas Livres...

Lisboa é uma terra que não se lava á sua vontade. Por muito higienica, por muito moderna que deseje parecer, luta com um grande inimigo: a falta de água. Ainda para a cidade-cidade, o problema será de facil solução; a dois passos dum rio como o Tejo, Lisboa não tem o direito de andar com a cara suja. Para a cidade-habitantes é que o caso se apresenta mais grave. Os lisboetas nem sempre podem dar-se ao luxo de tomar um banho quotidiano, ás horas a que lhes apetece. Nêstes dias de calor tropical não é o banho que está em casa á nossa espera; nós é que vamos para casa esperar pelo banho, fazer horas que chegue a agua ao nosso bairro. Talvez alguns leitores do *Domingo ilustrado* leiam estas mal alinhavadas regras emquanto esperam, na cama, com o estomago já a dar horas, a grande hora feliz em que a creada anuncia a chegada da agua e em que pode alimentar a esperança de gosar um modesto banho dominical...

No entanto, ainda é graças ao senhor rei D. João V que os lisboetas podem, neste ano de 1926, comprar um barril de água, trazida ao domicilio, pela quantia de três escudos... Se não fosse o rei magnanimo, possivelmente teriamos que comprar garrafas de agua de Vidago para lavar as mãos e a cara.

Desde tempos remotissimos que Lisboa sentiu a falta de agua e na epoca das nossas maiores emprezas já o rei D. Manuel sentiu o contrasenso de não haver água no berço dos herois do mar... Foi este soberano o primeiro que teve a ideia de abastecer a capital com a água da nascente conhecida pelo nome de «Aguas Livres de Belas», fantasiando que seria excelente que ela viesse parar ao Rossio. O filho de D. Manuel, o infante D. Luís, pensou que seria melhor as águas virem ter á Ribeira das Naus (onde é hoje o Arsenal de Marinha), para assim poderem fazer aguada as armadas que partiam para a India. Mas tudo isto foram castelos no ar, de que não ficou o menor vestigio. No reinado de D. Sebastião, o desejo de prover a cidade com água em abundância tornou-se mais vivo, chegando a juntar-se uma quantia importante, para dar começo a quaisquer obras. Mas quiz a má sorte dos nossos avós quinhentistas que o dinheiro destinado a tão necessario empreendimento fosse gasto pelo Senado, em festas celebradas em honra do terceiro Filipe. Este, comtudo, ao entrar em Lisboa, em 29 de Junho de 1620, foi logo pessoalmente vêr a fonte das Aguas Livres e, quando partiu para Espanha, escreveu de lá uma carta á Camara de Lisboa, recomendando que se estudasse a maneira de trazer depressa a agua para a cidade, que dela tanto carecia. Chegou mesmo a remeter um plano das obras, delineado por Leonardo Torresano. Os arquitectos e empreiteiros portugueses é que não ousaram meter mãos á obra, porque as despesas seriam imensas e, segundo diziam, as aguas da fonte de Belas não chegariam para as necessidades da capital. Ainda no reinado de D. Pedro II se fizeram novas tentativas, sem qualquer resultado apreciavel. Foi preciso que se desse a coincidencia de estar no trono de Portugal um rei empreendedor e amigo de realizar tudo o que parecia irrealizavel, e de aparecer um procurador da cidade, chamado Claudio Gorgel do Amaral, que não tinha papas na lingua, para que a grande obra se levasse a cabo. Amaral representou energicamente contra a falta de agua e declarou que fôra ele proprio, com pessoas peritas, ao sitio da fonte das Aguas Livres, verificando que a nascente era, mesmo no estio, suficiente para o provimento da capital.

Por alvará de 13 de Março de 1731 deu-se começo ás obras, iniciando-se estas com dinheiro que fôra recolhido durante dois anos e provinha de uns impostos lançados sobre os generos alimenticios consumidos na capital e seu termo. O risco da obra, desde a nascente até ao Monte das Três Cruzes, foi traçado pelo brigadeiro Manuel da Maia, e do aludido Monte até Lisboa, pelo sargento-mór Custodio Vieira. A construção do aqueducto, que se prolonga durante sete leguas, importou em treze milhões de cruzados, sendo levada a cabo em sessenta e seis anos, espaço de tempo muito diminuto, se nos lembrarmos que se trata dum monumento de universal renome e dos mais grandiosos, no seu genero. Em 1799 estavam concluidos os trabalhos, com excepção da «mãe de agua» ou grande reservatorio das Amoreiras, que só mais tarde, no reinado de D. Pedro IV, foi concluido, parecendo que esteve para ser em S. Pedro de Alcantara, junto da grande muralha que aí se construiu.

Para se calcular o entusiasmo com que a obra foi começada, basta saber-se que ainda no reinado de D. João V, e só dezasseis anos depois de iniciados os trabalhos, já tudo estava feito até ás Amoreiras, onde se ergueu um imponente arco de ordem dorica, no qual foi colocada uma interessante inscrição, depois alterada pelo Marquês de Pombal. O aqueducto principia em Caneças, junto á ribeira das Aguas Livres, e conta 91 arcos de cantaria até ao fundo de Monsanto, onde atravessa o profundo vale de Alcantara sobre 36 arcos, entre os quais está o maior de todos, o que mede, aproximadamente, 60 metros de altura por cerca de 25 de largura. E' tal a solidez do aqueducto, que nem o grande terramoto de 1755 conseguiu deitar a terra a menor parcela dessa obra, realizada depois de um aturado trabalho de «arrazar, desfazer e furar outeiros», na redondeza de tantos mil passos e reinando em Portugal o Piedoso, Feliz e Magnanimo Rei D. João V...

NOVENTA MILHAS POR HORA

Acaba de ser construido em Nova-York um novo tipo de canoa-automovel. Segundo os técnicos, trata-se do tipo de canoa mais rápido, até agora conhecido. A sua maxima velocidade é de noventa milhas por hora, ou seja aproximadamente cento e sessenta e sete quilometros á hora.

OVOS BORDADOS

Parece o nome de algum exquisito manjar, mas não é. Trata-se de verdadeiros ovos de galinha ou de outras aves de capoeira, bordados com agulha e sedas. Na Casa de Alsácia, na grande Exposição de Artes Decorativas de Paris, causou o maior assombro uma colecção de ovos bordados. Com uma agulha de menos de meio milimetro de diametro consegue-se bordar sôbre a casca do ovo os mais caprichosos e artísticos desenhos. O fio não atravessa o ovo, mas sómente a casca, de forma que pelo lado interior o bordado deve ser exactamente igual ao que é pelo exterior. E' um trabalho de paciência benedictina, bastando dizer que para conseguir fazer um determinado bordado, o artista teve que recomeçar o trabalho por vinte e trez vezes. A colecção teve um comprador, que a adquiriu por uma fortuna.

A FILANTROPIA NA AMÉRICA

Os legados e donativos para fins de beneficência e educativos alcançaram, no ano de 1923, em todos os Estados Unidos, a espantosa e bonita soma de 557.680.129 dolars, o que mostra que os americanos não sabem apenas gastar dinheiro, mas tambem dá-lo.

O NEGRO AMO

Em 1700, o duque de Brunswich foi presenteado com um negro da Costa Rica, chamado Amo. O duque, reconhecendo no negro uma extraordinária vivacidade de espírito, mandou-o educar em Haya e, em seguida, no Wurtemberg. Tão grandes foram os progressos de Amo, que se tornou célebre pelos seus notaveis conhecimentos literários e astronómicos, dando lições, que eram sempre muito concorridas, e chegando a ocupar o alto cargo de conselheiro de Estado, em Berlim. Por morte do duque, o negro Amo desapareceu da Europa.

O LEITE DE BURRA, PRODUTO DE BELEZA

A imperatriz Popea, mulher de Nero, tinha quatrocentas burras, que lhe forneciam leite para o seu banho. Os elegantes de Roma esfregavam a pele com miolo de pão molhado em leite de burra, não só para a tornar mais branca como para impedir a barba de crescer. Juvenal satirizou este luxo de Popea e os costumes dos jovens romanos efeminados.

comentarios

Con resso Internacional de Artistas do Teatro

Do Sr. Salvador Costa, secretario geral do Gremio dos Artistas Teatrais, recebemos a seguinte carta, a que gostosamente damos publicidade:

Sr. Director:

Só hoje chegou ao conhecimento desta Direcção uma carta publicada no conceituado jornal de que V. Ex.ª é mui digno Director, versando sobre o «Congresso Internacional de Artistas do Teatro».

Desconhece o velho leitor do «Domingo» que desde Outubro do ano passado está a Direcção desta casa em comunicação com a União do Cartel dos Artistas alemães e que se não enviámos um delegado nosso a esse congresso, apesar de insistentemente solicitados pela União, foi porque, devendo realisar-se em Setembro um outro congresso de artistas em Paris para tratar do mesmo assunto (movimento de *Mr. Gemier*) e não podendo este Gremio enviar delegados aos dois congressos e ainda por razões de ordem varia, decidiu-se pelo ultimo.

Pelo exposto se vê que Portugal não foi esquecido; simplesmente a Direcção deste Gremio não tem culpa de que alguns jornais para onde envia com regularidade as suas notas oficiosas se esqueçam por vezes de as publicar e assim o digno leitor do «Domingo Ilustrado» desconheça por completo a forma como estão sendo tratados esses assuntos.

Agradecendo antecipadamente a publicação desta carta, e com muita estima, desejamos-lhe

Saúde e Fraternidade

O SECRETARIO GERAL (interino)

Salvador Costa

A questão dos pseudonimos

Ha varias maneiras de encarar a atitude dos autores que se acobertam com um pseudonimo. Ha os que por modestia entendem que o seu trabalho não merece a pretenção de ter um nome a subscrita-lo e ha os que sabendo muito bem as suas responsabilidades e as suas situações fogem ás primeiras e desejam manter integras das segundas. Estes não são simpaticos.

Ultimamente, a avalanche de autores anonimos que invadiu os nossos palcos excede tudo o que se possa imaginar. São os «Gregos e Troianos», os «Dois amigos» «Eu e Tu», «Dó-ré-mi» «Uns e outros» e ainda as variantes de se fazerem passar os autores por um apenas dos colaboradores, ou por uma pessoa simpatica que nem mesmo nada tenha escrito!

Digam o que disserem, esta situação não é defensavel sob nenhum ponto de vista. A imprensa e o publico, encontrando-se em frente de firmas desconhecidas, estão mais á vontade, dir-se-ha, para fazer a critica. A verdade é que quem escreve nos jornais sabe muito bem quem está por detraz da cortina. Simplesmente esse alguem nada arrisca do seu nome. Se o trabalho pega, ainda alguma indicação poderá vir a publico—se não pega, é graça...

Não se firmam assim autores nem reputações de parcerias. O publico não acompanhará a personalidade espiritual de quem escreve—que tão importante é para a compreensão e assimilação de peças futuras.

Fugindo á responsabilidade publica com um pseudonimo, o autor dramatico perde a sua autoridade social.

Uma coisa é ainda o pseudonimo, que é um nome pitoresco, como por exemplo: Luiz Aquino, João Verdades, etc., que personalisam o autor. Agora as firmas globais—pic-nic literarios onde todos comem e poucos levam comida—essas excedem o limite rasoavel das liberdades de responsabilidade literaria.

A razão deste estado de coisas—mais um deploravel sintoma de degradação ultima a que chegou entre nós a arte dramatica—dizem-nos ser o facto de as revistas que ora se exibem serem na sua generalidade adaptações de bocados de revistas extrangeiras, de musicas francêsas ou espanholas, de tudo o que qualquer emprezario ou qualquer autor viu na sua ultima viagem.

E isso é verdade, então é apenas o caso vulgar daqueles individuos que prevendo a hipotese de serem presos dão prudentemente um nome suposto...

Reflexões apoz escrever uma peça

A peça que se pensa e aquéla que se escreve são duas irmãs que, ás vêses, não se parecem nada.

* * *

A peça quasi nunca acaba quando o autor imagina. Umas vêses o publico já vae todo a levantar-se e o autor ainda insiste em dar umas explicações que julga necessarias. Outras vêses o pano cae e os espectadores ficam esperando que lhes venham dizer como foi que a historia realmente terminou.

* * *

Em certa altura do dialogo o autôr suspende e reconhece:—«Aquí precisava um dito de espirito. O dialogo diz:—«Ora deixa-te disso. Vamos embora. Vou já ter um daquí a bocado...» E o autôr teima para afinal não encontrar esse e esquecer-se dos outros.

* * *

Os personagens só vivem emquanto o autôr os está criando e agitando. Morrem, no dia em que passam á interpretação do actor. Quem vive então são outros, os que o artista imaginou. São ás vezes mais interessantes. A percentagem é de seis por mil, segundo as ultimas estatisticas.

* * *

Quem escreve para um determinado actor tem por esse facto um acrescimo de inspiração. Isso é incontestavel.

* * *

O actor para que um autor habil escreve é muita vez um mal pronto que tem um bom alfaiate.

* * *

Nunca escreverei um drama histórico porque gosto de conversar com os meus personagens e de tratar por tu a maior parte. Com certas figuras da Historia não me atreveria.

* * *

Imaginem que alguem está lendo uma peça perante um auditorio restrito. Quando, cheio de entusiasmo, imita as vozes das diferentes figuras e reproduz em mimica os gestos da contrascena, descobre um dos presentes dormindo a sôno solto. Este é um dos casos em que eu não só absolvo, mas até preconiso o homicidio por arma de fogo ou perfurante.

* * *

Conta-se que Dumas pae, escrevendo em colaboração, apeou-se dum *cabriolet* á porta do seu cumplice para dizer á porteira:

—Quando Fulano vier, diga-lhe que afinal sempre matei o Lourenço...

A porteira ficou pasmada e, quando o seu inquilino regressou a casa, transmitiu-lhe muito enfiada o recado recebido.

—Fez ele muito bem, exclamou o colaborador de Dumas. Se ele o não matasse, matava-o eu...

A anedota é pitoresca; mas qual é o autôr, verdadeiramente digno desse nome, que, em certos periodos de gestação, não chega a andar baralhado á vida das figuras que cria. Eu tenho-me dado muito com algumas que inventei. Disseram-me, por vêses, coisas que, se eu as escrevesse, não ficava uma cadeira inteira no teátro.

A. B.

S. Luiz — Companhia de opera portugueza.

Gymnasio — Fechado temporariamente.

Avenida — Sempre o «Doutor da Mula Ruça» peça de E. Rodrigues, Felix Bermudes, João Bastos.

Politeama — A peça «Leão da Estrela».

Nacional — Companhia Stichini-Azevedo. A peça de grande sucesso «Os Filhos».

Trindade — Companhia Lucilia Simões-Erico Braga «O Patriota». Grande sucesso.

Apolo — «A Casa da Susana».

Variedades — A revista de grande sucesso «O Pó d'Arroz».

UMA NOVELA SENTIMENTAL COMPLETA

o tapete persa

Novela de uma grande intensidade emocionante e dum grande interesse literario. Uma das mais belas e ricas paginas que o «Domingo» tem publicado.

QUANDO os jornais falaram do roubo do tapete persa no tranquilo solar dos Duques de Bragança—eu já conhecia essa historia.

Todo esse drama pungente desenrolado á volta da velha tapeçaria de K-Heito—pude eu, mudo espectador, analisa-lo. Dava uma intensa peça num acto, cheia de movimento, de côr e de ambiente, a aventura da tapeçaria famosa.

Poucas pessoas têm, nestes ultimos anos, passeado pelas salas ducais dos Reis de Portugal. Não maculam os tijolos vetustos dos Braganças as lamas dos pés profanos. A penumbra religiosa da velha sala de armas, onde ainda repousam, num meza, os ultimos «croquis» de D. Carlos, não tem tido a palpa-la mãos de curiosidade plebeia. As proprias flores que murcharam no oratorio da Rainha e ouviram a sua ultima prece na manhã do dia 1 de Fevereiro de 1908 conservam-se piedosamente na mesma jarra popular, de faiança de Evora, tão rica de sugestivas decorações.

E' que o Vicente—antigo e senhorial mordomo do Palacio—considera-se, como os seus senhores, um exilado. Além das aleas de buxo cortado, para os terraços dos aposentos, ninguem penetra. São casas fechadas, casas mortas, casas de luto.

Não ha dinheiro nem gorgeta de «touristes» que movam o velho guardião a abrir as salas historicas dos Reis de Portugal. Quantos automoveis têm estacado ao grande portão sobre o largo onde a relva atapeta de abandono o enorme quadrado da praça. Quantos americanos, ávidos de conhecer uma antiga casa de reis, se debruçam sobre as janelas fechadas, fazendo espreitar nos bolsos o brilho de algumas libras. Nada porem conseguem—e o rodar triste dos carros segue a estrada lisa para fóra da vila, deixando sempre fechado o misterio que guarda as tristes recordações dum passado lar, desfeito a tiros de carabina.

* * *

Nessa tarde, Vicente sentira-se muito peor. Viera até o medico militar, porque o dr. Santana, velho facultativo, andava na azafama das vindimas. A Guilhermina, a que ficara filha unica solteira, e mais moça, puzera-lhe as papas na garganta e o velho ficara a dormitar, na sombra fresca da cosinha. Ia ainda quente aquele fim de Setembro. A rapariga viera depois á conversa com o «rapaz». Era um «chauffeur» do camion de carreira, que viera de Lisboa havia uns mezes. Tipo de má fama, dizia-se. Mas ela engraçara para ali, perturbada daqueles modos da cidade, afadistados e violentos.

—Então, o velhote?—perguntou ele, com um interesse bem maior do que o costume.

—Lá ficou, coitado.

—Ah!—e fez-se um silencio. Depois o rapaz olhou em volta, e como agora, á tarde doirada, o jardim vazio tinha um silencio de cemiterio, ele disse-lhe: Tens que me emprestar as chaves da sala grande.

—Para quê?

—Não é nada de importancia. Está ali o meu antigo patrão de Lisboa, o dono do carro onde eu trabalhava, e pediu-me para ver o palacio. O velhote

O grupo estava em frente do famoso tapete persa...

está doente, calha bem. Vamos nós com êle...

—Mas, bem sabes que o pae não quere...

—E isso que tem? Vamos nós também.

«E' como se tu fosses fazer a limpeza. Vá... Bem vês que não posso ficar por mentiroso... eu já lhe prometi!

—E quando?—disse a rapariga, com pouco entusiasmo.

Já. Ele está lá em baixo. A um sinal meu entra pela porta da cerca. Depois é só abrires a escada de serviço ou a vidraça da cosinha. Vamos, vai buscar as chaves. Eu vou chama-lo. E, dum pulo, nem lhe deu tempo a responder. Beijou-a e correu a buscar o seu «antigo patrão».

* * *

Quando os visitantes entraram na grande sala nobre havia já a penumbra da tarde a envolver tudo. Foram precisos alguns minutos para os olhos se afazerem á relativa claridade.

Então, o homem, que fumava um grande charuto e tinha a face macia como uma mulher, soltou uma exclamação. O grupo estacionava agora defronte dum formidavel tapete persa. Era um vasto rectangulo, tecido em seda e em linho, dando em relevos de veludo vermelho sobre manchas azues ferrete, um labirinto riquissimo de ornatos arabes. Ao centro, uma rosácea, como um kaleidoscopio de côr, formava o eixo da decoração. O pano caía duma parede; entre armarias antigas, onde a corôa dos Braganças, em embutidos de Toledo, brilhava com doçura. O homem do charuto exclamou baixo, num murmurio de respeito: E' formidavel! Depois, tirou um metro de metal, e rapidamente mediu-o. Pareceu consultar um livro de apontamentos, ou um album de estampas.

Só o rapaz «chauffeur» lhe ouviu, entre labios, pronunciar um numero: vinte...

* * *

Chegaram á janela. A ultima luz doirada vinha de longe e batia sobre as laranjeiras carregadas ainda de fruto...

O «chauffeur» chamou a rapariga ao terraço. Puxou-a pela cinta, e beijando-a com sofreguidão na boca, a perturba-la toda, disse: Guilhermina, o meu antigo patrão dá-me dinheiro para

O Vicente foi a custo até junto da famosa tapeçaria...

nos casarmos! Já não preciso a licença do teu pae!

—O quê?

—E' o que te digo, rapariga. Podem casar quando quizeres, disse-mo agora. Mas ha uma coisa. Ele é todo amante de velharias e quere aquele pano velho que está ali pendurado. Não vale nada. Assim como assim, o teu pae já se não levanta da cama. Os reis, esses não voltam, e ahi na vila quem é que sabe o que é que cá está dentro?

—Não! Não!—fez a rapariga num sobresalto.—O tapete! Deus me livre! Se o pae soubesse!

—Mas não sabe,—voltou o rapaz.—O pae já se não levanta, mulher. Depois, é o nosso casamento, o nosso futuro. Tu queres perder tudo por um trapo velho? Bem fazes! Depois não te queixes, eu vou para Evora, para os camions da carreira, não me pões tão cedo a vista em cima. Resolve lá!

A rapariga tombou-lhe a cabeça sobre o ombro, num soluço, sem forças: Não tires o tapete, olha que matas o pae... Mas estava vencida.

* * *

Foi um minuto emquanto se fez o fardo. O carro seguiu, e do muro da cerca o rapaz deitou-o sobre o automovel que ia a passar. Depois foi uma nuvem de poeira e mais nada.

Voltou então a sala nobre. A parede, nua, mostrava uma grande pedra de armas. Arrastaram-lhe uma arca e um jarrão para a frente, e veiu então a noite, rapida, que envolveu na sombra a grande mole de pedra do palacio...

* * *

Numa manhã fria e clara de Novembro, o velho quiz levantar-se.

A rapariga tinha saído a buscar-lhe o leite. E ele, só, vestiu-se a custo.

Foi-se arrumando ás paredes e subiu pela escadinha de caracol á capela privada. Deixou-se ficar a murmurar uma oração na quietação fria da sala. Deram dez horas na torre do quartel. O velho ergueu-se; foi arrastando os passos lentos e pesados sobre os tijolos arabes dos corredores e abriu as portadas da antecamara onde os arcazes negros se formavam em linha; depois passou, devagar, á sala nobre...

* * *

Ouve um grito:—O pae a pé!—Sim, filha, disse o velho, com os olhos fixos na parede nua, e apontando com as mãos osseas o vazio enorme: O que é isto? Então, novas energias dir-se-hiam nascer-lhe de subito, no arcaboiço vergado, e abriu num repelão, as vidraças largas sobre a manhã branca e intensa. O tapete? Quem o tirou? Não! Não foste tu! Roubaram o tapete persa! Roubaram o tapete! Minha filha, chama os soldados! Chama socorro, roubaram o teu pae, roubaram o teu pae!

* * *

No delirio do catre o pobre velho tinha ficado só. Fóra de tarde o interrogatorio. E tinha sido êle, fincado na cama, que acusara num grito de dôr a propria filha. Sim, devia ter sido ela.

CONTINUA NA PAGINA 8

NOVELA IRONICA COMPLETA

Uma grande invenção

Ironica e scintilante pagina do nosso habil contista do bom-humor. Soluções ideais para varios casos.

O meu amigo Inocencio tem por vezes ideias que se podem classificar de geniais.

Ha muito tempo já que uma febre patriotica o tinha avassalado. Pensava permanentemente em medidas salvadoras, em grandes empreendimentos que contribuissem para o resurgimento, para a redenção da sua terra, batida por todas as desgraças.

E esta ideia constante, estes constantes pensamentos tinham fatalmente de produzir os seus frutos. E com efeito os frutos caíram de maduros.

Foi ontem que ele me comunicou o resultado dos seus trabalhos.

Depois dos cumprimentos do estilo, o Inocencio, esfregando as mãos, satisfeito, anunciou solenemente:

—Fiz ontem uma grande descoberta.

Mostrei-me impressionado, como ordena o protocolo em semelhantes circunstancias, e aguardei a revelação.

—O meu amigo sabe—começou ele—qual é o nosso grande mal?

—Eles são tantos—comentei desalentado.

—Mas o principal, garantiu o Inocencio—aquele que por assim dizer constitue a base, o substratum de todos os outros males, é a instabilidade dos governos e a continua transformação do nosso scenario politico, onde as apoteoses, os prologos e os entreactos se misturam e baralham desordenadamente.

* * *

Estranhando este falar dificil do Inocencio, ia felicita-lo pela exuberancia da sua linguagem e precisão das suas expressões, mas ele, sem modestia, elucidou-me que era sempre assim ás 2.as, 4.as e 6.as, e continuou:

—Como lhe dizia, este mal que lhe apontei é o causador unico de todos os outros males. Ora diga-me como será possivel tratar dos grandes problemas que uma nação tem sempre a resolver, principalmente em momentos de crise como o que atravessâmos, com situações politicas que duram mezes, governos a dias e ministros de hora a hora. Os ministros nem muitas vezes teem tempo de apertar a mão a todos os directores gerais, que nem chegam a conhecer, quanto mais cuidar dos problemas pendentes, os quais por isso vão ficando sempre nessa incomoda posição. Ora é precisamente com este estado de coisas que me proponho acabar. Não; isto não pode continuar assim. Os nossos homens publicos das varias facções e situações politicas gastam o precioso tempo a dissolver-se, a perseguir-se e a demitir-se reciprocamente, consoante o rapido movimento do trapesio politico em que todos pretendem equilibrar-se, emquanto o paiz vai ficando eternamente embasbacádo na contemplação deste inutil, lamentavel e pernicioso dinamismo partidario. Ora isto não pode continuar, repito. Teem de acabar de vez os ministros «à la minute», os ministros com a duração das rosas de Malherbe...

Eu estava perfeitamente banzado com esta tão imprevista como eloquente erudição do Inocencio; não poude deixar de perguntar-lhe se a destinava a qualquer conferencia ou comicio politico, e procurei ao mesmo tempo acalmar a sua crescente exaltação.

Tranquilisando-me, informou que estava simplesmente numa das suas 4.as feiras e continuou com todo o «élan» comicieiro de que estava possuido:

Mudo de surpreza e de natural admiração.

—Porque, meu caro amigo, devemos reparar no tempo que se perde em discursos, em apresentações, em publicos reconhecimentos e preitos de justiça ás obras dos varios antecessores — que muitas vezes apenas tiveram tempo de fazer outro tanto — em posses, demissões, recomposições, transformações e todas as mudanças que constantemente se estão dando nos elencos governativos.

«Ha dias em que um pobre chefe de governo tem que andar açodado de ministerio em ministerio, para dar meia duzia de posses sortidas, tendo de elogiar este, enaltecer aquele, abraçar um que chega, cumprimentar outro que parte.

«Emfim, os jornais não chegam nunca a relatar quaisquer medidas que os sucessivos ministros tenham tomado, porque nessa contradança ministerial nunca é possivel chegar a medir seja o que fôr ou a encher quaisquer medidas. Apenas poderemos ter noticias como estas:

«Demitiram-se ontem os Srs. Ministros tais e tais e tomaram hoje posse das respectivas pastas os Srs. A. B. C. e D».

«O Sr. Ministro do Interior da noite passada vai ter uma conferencia com o Ministro da Justiça desta manhã, para resolverem se os decretos publicados pelos 3 ministros que estiveram em exercicio na 4.a feira anterior na pasta da Instrução devem ser mantidos, ou se, pelo contrario, deve prevalecer o diploma apresentado pelo ministro que esteve em exercicio na 3.a feira á tarde. Vão ser revogados os decretos respectivamente publicados pelos Ministros da Guerra, das 2 das 4 e das 6 horas de 5.a feira da semana finda».

«Depois, meu caro amigo, o tempo que se gasta a revogar os varios diplomas, dos varios governos, respectivamente anteriores, *e a desfazer e a reformar* o que estava feito, até que outros venham fazer o mesmo e assim sucessivamente, se atendermos a que o tempo é dinheiro, dava com certeza para equilibrar o orçamento e estrangular de vez o deficit tremendo que nos asfixia.

* * *

Eu continuava banzadissimo e não poude deixar de exclamar mais uma vez:

—Mas Inocencio, você está falando como um livro aberto; um livro! Direi antes uma biblioteca aberta de par em par.

Os ministros ficam assim aparafusados...

Ele nem me ouviu e continuou com a velocidade adquirida:

—Ora a primeira coisa que a minha invenção evita são os conselhos de ministros, que nunca mais serão possiveis.

—Mas como hão-de eles entender-se?—objectei.

—Pois assim é que se não entendem—contestou o Inocencio.—O meu amigo sabe muito bem que onde se reunam 2 portugueses, mesmo que não seja para falar, é certo que se estabelece discussão.

—Mas da discussão nasce a luz—argumentei eu ainda, renitente na minha opinião.

—Mas é que entre nós dá-se precisamente o contrario; com a discussão apaga-se a luz, isto é, a reduzida clareza que o assunto por ventura já tinha perde-se completamente. Porque tendo deliberado por exemplo, tratar de certo assunto, voltamos sempre da reunião para tal fim convocada com esse tal assunto—causa por tratar e com meia duzia de questões e de conflitos mais pr'a resolver. Entre nós, creia, da discussão nasce apenas a confusão.

Não tive animo para contestar esta incontestavel verdade, mas inquiri então, curiosamente:

—E como vai o meu genial amigo evitar isso?

—Ora ahi é que está a parte interessante e verdadeiramente original da minha descoberta. Para evitar a instabilidade dos governos, as constantes quedas ministeriais, sucessivas transformações, mudanças e recomposições dos gabinetes, eu descobri, ou melhor, inventei os ministros de atarrachar. Isto é, os ministros tomam posse, mas não tomam apenas assento nos seus fauteils ministeriais; são aparafusados, atarrachados ás cadeiras do poder.

«E assim não poderão ir a conselhos de ministros, que são perfeitamente inuteis, como demonstrei, nem teem o perigo de cair, quer politica, quer fisicamente.

* * *

Mudo de surpreza e de natural admiração perante tão inesperada descoberta, fiquei estatico, perplexo, verdadeiramente petrificado; e o Inocencio, senhor do efeito da sua revelação, olhou-me num grande sorriso superior e lá foi magicando na sua grande invenção, dando-lhe por certo, mentalmente, os ultimos retoques, tendentes ao aperfeiçoamento dos seus ministros de atarrachar.

Mas coitado, como todos os grandes homens tocados pela aza do genio, não vê decerto os pontos fracos da sua descoberta e não pensa que perante uma descarga de obuzes não ha parafusos que resistam.

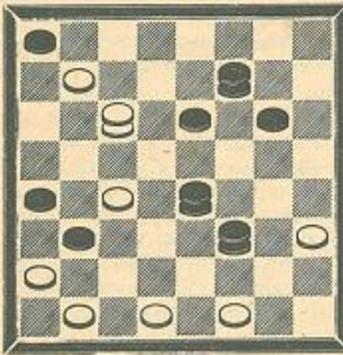
AUGUSTO CUNHA

Varia

solução do problema n.º 77

	Brancas	Pretas
1	11-15	19-10
2	14-18	28-15-22
3	2-20	31-24
4	20-31-17-3-12-30-21	
	Ganha	

PROBLEMA N.º 78

Pretas 3 D e 5 p.

Brancas 1 D e 7 p.

As brancas jogam e ganham. Subentende-se que as casas tracejadas são as brancas.

Resolveram o problema n.º 76 os srs: Armando Machado, Artur Santos, Augusto Teixeira Marques, Barata Salgueiro (Bemfica), Carlos Gomes (Bemfica), D. Emilia de Sousa Ferreira, Rócóhó (Coimbra), Ruy Freiria, Sueiro da Silveira, Victor dos Santos Fonseca.

O problema hoje publicado foi-nos enviado pelo sr. Artur Santos e dedicado ao director d'esta secção com os seus cumprimentos.

Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviada para o «Domingo Ilustrado», secção do *Jogo de Damas*. Dirige a secção o sr. João Eloy Nunes Cardoso.

O tapete persa

(Continuação da pagina 6)

Fôra ela, de certeza! Que a prendam, que lhe arranquem a confissão! Ela, o rapaz, gente de Lisboa! Oh! tragam-me o tapete dos meus senhores, tragam-mo depressa, que eu estou velho...

* * *

Assim... assim, um pouco mais acima, assim é que estava... obrigado, meus senhores, Deus lhes pague, obrigado... E o Vicente, mais branco, mais velhinho, mais mirrado, rolava entre as mãos o seu barretinho de alpaca negra. Depois, ficou só no salão enorme. Tinham já saido os agentes de Lisboa, que conduziram outra vez ao Palacio o pano famoso. Ele andou de volta, a mira-lo de novo, como a um filho foragido.

Silênciosamente, tocou-lhe, e cerrando os olhos, levantou uma ponta aos labios e beijou-a.

. . . .

O Vicente morreu de joelhos sobre o almofadão de veludo que fica em frente ao tapete persa, algumas horas depois.

Os reis de Portugal receberam em Inglaterra, do seu velho servidor, um bilhete em que se dizia assim: «Posso morrer descançado, meus senhores. O grande pano da Persia já está no seu logar e a minha pobre filha foi absolvida nos tribunais deste Reino, antes mesmo de ter o meu perdão, que só pode ter, se tiver o de Vossas Magestades...»

N.º 12 1.ª SERIE	SECÇÃO CHARADISTICA SOB A DIRECÇÃO DE CARLOS RODRIGUES	18 JULHO 1926

ORDIGUES (Da T. E.)

Apuramento do n.º 8 (1.ª SERIE)

COLABORADORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

DAMA NEGRA

N.º 4 — 5 votos

N.º 2, de BAGULHO.......... 3 »
» 1, » D. SIMPATICO...... 1 »
» 10, » LOLITA DOS CALDOS. 1 »

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

DAMA NEGRA, MARIANITA, MAMEGO, AFRICANO (T. E.), DR. DA MULA RUÇA

Com 11 decifrações (Totalidade)

QUADRO DE MERITO

D. GALENO (T. E.), LORD DÁ NOZES (10), HENRICO (7), AULEDO (6), MIEL (5).

OUTROS DECIFRADORES

VISCONDE DA RELVA, (4); D. SIMPATICO (T. E.), (3); PIRICÁTA, ADALBERTO BÉCO (2).

DECIFRAÇÕES

1—*amortecido*, 2—*espinhoso*, 3—Guarda-resposta, 4—*RESISTIDOR*, 5—peleja, 6—Faustoso, 7—sarrafaçadura, 8—pervio, 9—diabrete, 10 *sete-cascos*, 11—adregado.

PRODUÇÃO MENOS DECIFRADA

N.º 8 de AULEDO, com 5 decifradores.

LOGOGRIFO

(*Ao* Dr. da Mula Ruça)

1 Outro dia á *saida* de casa—7—2—1—2
encontrei o Alberto Brandão,
vinha ardendo que nem uma brasa
furioso que nem um vulcão.

Que *mapada* me vinha ele dar,—7—4—1—2
supus logo eu ali num momento,
á conversa me quiz esquivar
pois ouvi-lo me causa tormento.

E depois não *produz* sensação—3—6—5—6
a palestra do dito rapaz,
fala sempre de amor, de ilusão,
e em lamurias depois se desfaz.

Qne era *adultera* a sua mulher—3-4—1—6
Ele agora me veio dizer;
nenhum bem sua esposa lhe quer
e só eu lhe podia valer.

Que a mulher, adorava a poesia
e uns versos lhe havia de dar;
respondi-lhe com grande energia:
vá ás *musas* o estro invocar.

Lisboa — CAMARÃO (O. E. L.)

CHARADAS EM VERSO

»VERDADE INCONCUSSA»

[*Ao egregio charadista* Dr. Fantasma]

2 Porco, imundo, esquisito, e de aspecto nojento,
el-lo triste implorando o pão de cada dia
mitigando o sofrer no sibilar do vento
curvado á sua *dôr* asperrima e sombria!—1

Olhos magros, senis de fome e de tormento,
—estupido sorrir—a mão hirsuta e fria,
Tendo á noite por lar o velho firmamento
pardacento e feroz, *com* laivos de ironia!—1

Todos fogem, de horror como dum cão leproso
sem demorar sequer. E no exterior raivoso
—em convulsões de dôr acerba ingenta e cega—

morre pouco depois. E o misero ricaço
num estilo talvez de exotico palhaço,
A um sarcastico rir, a sua vida *entrega!!*

Dafundo — D. SIMPATICO

3 —O doutor dá-me licença?
—*Pois não!* Amigo Martins,—3
—Então, doe-lhe alguma coisa?
—Tenho fortes dôres nos rins.

—Venha cá não esmoreça,
vou já do caso tratar;
mas tem que cumprir com *regra*—2
o que lhe vou receitar.

Se cumprir exatamente,
tudo o que fôr combinado,
irá passar o verão
com o *fiscal do mercado.*

Lisboa — VIRIATO SIMÕES

CHARADAS EM FRASE

(*A ilustre* Dama Negra)

4 Em que *data* tem V. Ex.ª o *vestido de luto concluido?*...—2—1

Lisboa — VISCONDE DA RELVA

(*Ao donjuanesco* Lohengrin)

5 Toma *sentido!* *Tu* já tens idade para ter *juizo*—2—1

Lisboa — JAMENGAL

(*Agradecendo a* Africano *a produção que gentilmente me dedicou*)

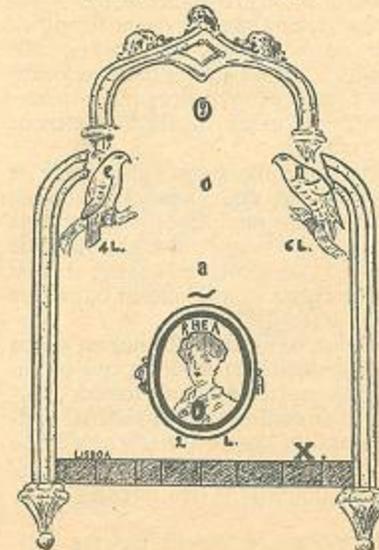
6 O heroi da *sua* charada, que, pelo visto, tinha pouca *perspicacia*, talvez evitasse o desaire se fosse mais cuidadoso, e algo *desconfiado*—1—2

Lisboa — BAGULHO

7 Não ha *maior* perigo, que atravessar a cidade pelo *escuro* da noite, porque não se encontra um só *solda do da ronda*. -1—2

Lisboa — AFRICANO

ENIGMA FIGURADO

(*Ao ilustre director desta secção*)

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

PROBLEMA N.º 78

Por D. A. Mitchell

Pretas (5)

(Brancas (5)

As brancas jogam e dão mate em dois lances.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 76

1 T. 2 B R

Este bonito problema tem uma historia celebre, premiado num concurso em 1890, foi depois publicado em varias colunas de xadrez, inclusivé na do jornal «Novoxe Vremya» dirigida pelo mestre russo Tschigorine; no numero seguinte, porém, este celebre jogador, proclamou o problema demolido, estranhando que lhe tivesse sido concedido um primeiro premio; a demolição apresentada era 1 C. 2 B R;—Tschigorine, enganara-se não reparando que as pretas, apoz esse lance, se defendem subtilmente com a interposição 1—B 4 B!

Alguns dos nossos solucionistas, cairam no mesmo erro; que os console a ideia do que Tschigorine, grande mestre, não foi mais feliz.

Resolveram os srs. Nunes Cardoso; dr. J. M. da Costa, Alpiarça; Ribeiro de Almeida; Vicente Mendonça; Eduardo Pelen; Rócóhó, Coimbra; Club Portuense, Porto; Maximo Jordão; Manuel Nunes, Ruy Casal Ribeiro; Luiz e Castro e Rodrigo de Avila Machado, Pias.

O Concurso das Novelas Curtas

Pedimos a todos os premiados que nos enviem com urgencia as suas moradas, a fim de enviarmos os premios que estão em distribuição.

CORREIO

MARIANITA. — Recebi a sua simpatica colaboração muito obrigado;

X—Da maneira como se apresenta vê-se que não é novo! Seja bem vindo.

CAMARÃO, MIEL.— Recebi, muito obrigado.

AVIEIRA.—O stock de V. Ex.ª já se acabou; espero que continuará a honrar-me com a sua agradavel colaboração o que muito agradeço.

LOLITA DOS CALDOS.—O stock de V. Ex.ª tambem se acabou; era favor enviar mais.

DAMA NEGRA, VASCO H. DIAS, DR. DA MULA RUÇA, REI DO ORCO e ORDISI.—Idem, idem.

ADALBERTO BÉCO e PIRICATA.—Os trabalhos de V. Ex.as não trazem indicação dos dicionarios aonde se devem verificar, como manda o regulamento.

E' favor indicar o mais breve possivel.

EXPEDIENTE

O prazo para a recepção de decifrações é, *rigorosamente*, de 15 (quinze) dias. Todos os decifradores que atingirem *pelo menos* 50 % das soluções *devem indicar a produção que mais lhes agradou* neste numero. Os colaboradores devem mencionar os dicionarios onde se verificam (*rigorosamente*) os *conceitos parciais* e os *conceitos totais* dos seus trabalhos.

Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e remetida para a R. de Pedro Dias, 15, 4.º Esq. Lisboa.

MUITO IMPORTANTE — Serão anuladas, *sem distinção*, todas as listas que, *contendo pelo menos* 50 % das decifrações, não tragam a *votação* do melhor trabalho publicado.

VARIA

Grafologia

RESPOSTAS A CONSULTAS

MARIO ROSAIS.—Temperamento excessivamente nervoso, imaginação, boa memoria, prodigo, o que o faz arrepender-se muita vez, inteligencia assimilavel, amor á estetica, ambição, orgulho, amor á literatura e ás flores.

HESPAÑOLITA.—Alma infantil, bom coração, caprichos passageiros, nervos facilmente irritaveis, preguiça, espirito religioso, inteligencia pouco cultivada.

BÉTO.—Boa força de vontade, orgulho bem entendido de si proprio, bom gosto para tudo, nervos fortes e bem dominados, rapidas resoluções, um tanto aspero mas bom coração e amigo da justiça e da rectidão, sensualidade fortissima, veracidade.

ADELAIDE DA SILVA.—Caracter um tanto seco e pouco comunicativo, boa memoria, diplomacia, optimismo, pouca vaidade mas muito orgulho espiritual, nervos mal dominados.

F. REBELO (COIMBRA).—Bom gosto, audacia, sentimento de poesia, prodigalidade, geito para as matematicas, boa disposição de animo, caracter independente, pouco reservado, amor ao conforto, força de vontade... vontade de a ter!

SELLAS.—Caracter impulsivo e dedicado, nervoso em extremo, com má memoria para tudo menos para o que lê, imaginação voadora, muito orgulho e amor a si proprio, incapaz de guardar um segredo, gosta de trabalhar mas fatiga-se depressa, trato original, ideias independentes.

DAMA ERRANTE

CONSULTAS PARTICULARES

As consultas para respostas particulares deverão ser enviadas para esta redacção, com a indicação no sobrescrito «Consulta particular», e deverão vir acompanhadas de cinco escudos.

Quere saber o seu caracter? As suas qualidades e defeitos? Envie seis linhas manuscritas em papel não pautado, acompanhadas de um escudo para— «*A DAMA ERRANTE*».

RUA D. PEDRO V, 18,—LISBOA

Uma infamia!

O que se está praticando nos Correios contra o nosso jornal excede todos os limites. Protestamos energicamente contra os gatunos que ocupando lugares e tendo a confiança duma corporação abusam da sua situação para nos roubarem cobardemente. São ás dezenas as cartas violadas que dirigidas á nossa secção de grafologia aparecem neste jornal sem o respectivo dinheiro da consulta.

Uma infamia! Os empregados serios dos Correios tinham o dever de fazer policia por sua conta, expurgando a classe destes terriveis elementos.

Secção dirigida por ORDIGUES

Nota importante.—Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e remetida para a RUA PEDRO DIAS, 15, 4.º ESQ. LISBOA

As decifrações do problema hoje publicado, devem ser enviadas, O MAIS TARDAR, até ao PROXIMO SABADO. A solução do problema do numero anterior sairá no proximo numero, bem como o QUADRO DE HONRA.

QUADRO DE HONRA

Menina Xó, Auledo, Amparito, Espirita, Spartanus, Adalberto Beco, Piricáta, Jufena e Loureniff.

DECIFRAÇÕES DO N.º 77

HORISONTAIS. — 1 mão, 2 estação, 3 Eva, 4 pateo, 5 advir, 6 uva, 7 etruria, 8 ala, 9 iras' 0 utli, 11 aros, 12 salsa, 3 opio, 14 masca, 15 educa, 16 assado, 17 trocar, 13 paz, 19 errara, 20 patins, 21 l uiza, 22 ronet, 23 opôr, 24 alaim, 25 pico, 26 arma, 27 leõa, 28 mal, 29 iodetos, 30 aso, 31 ultra, 32 rugas, 33 rua, 34 oasiana, 35 avé.

VERTICAIS.—1 mau, 2 eter, 3 era, 9 isca, 11 amarelo, 15 errar, 24 amora, 28 mar, 30 asa, 36 opa, 37 setas, 38 torsão, 39 Caruso, 40 edita, 41 oval, 42 ata, 43 varas, 44 laica, 45 iodo, 46 ossario, 47 Puccini, 48 oaristo, 49 adora, 50 gaz, 51 rupia, 52 azra, 53 topa, 54 necis, 55 aladas, 56 filtra, 57 meoun, 58 rito, 59 osga, 60 lua, 61 ode.

PROBLEMA DE HOJE

Original da nossa ilustre colaboradora MENINA XÓ.

Agradecendo a Militarsinho & Ventry, oferece, a Menina Xó

HORISONTAIS.—1 bemdita, 2 cortezão, 3 nome de mulher, 4 meritos, 5 fogo, 6 irritar, 7 anagrama de «dará», 8 entendido, 9 apelido, 10 dignidade eclesiastica (pl.), 11 um, 12 cerco, 13 espertalhão, 14 titulo de principe industanico, 15 dividande, 16 trepa, 17 emprega, 18 anagrama de «ran», 19 animal, 20 puxa, 21 que produz irradiação electrica (pl.), 22 adivinhação pelo ar (pl.).

VERTICAIS.—1 materia oleosa, 2 aparelho do animal de carga, 10 ensinar, 23 abalavam, 24 que cheira a pôdre (pl.), 25 tres letras de «carta», 26 anagrama de «bico», 27 anagrama de «liça», 28 couto, 29 finura (pl.), 30 receita, 31 caminhado, 32 atmosfera (pl.), 33 isolados, 34 tumor, 35 inconstancia, 36 luva, 37 uma das cinco ordens de arquitetura, 38 aparadores (ant.), 39 nome (fem.), 40 voar, 41 laço, 42 anagrama de «mó», 43 preposição franceza, 44 duas letras de «naco», 45 duas vogais.

CORREIO

ADALBERTO BECO, PIRICATA, JUFENA e LOURENIF. — Peço-lhes a fineza de me explicarem o que significam as iniciais (O. L.).

barreira de sombra

(crónicas tauromáquicas)

CAMPO PEQUENO

A corrida em beneficio do cavaleiro José Casimiro não deixou boas impressões, tanto para o festejado, que viu a praça com grandes falhas no sol, como para os espectadores, que sairam descontentes com o resultado da lide, em que afóra o trabalho notabilissimo de José Casimiro Junior nada houve de extraordinario que mereça relato especial. O beneficiado lidou dois touros com a sua costumada pericia, aproveitando sempre o primeiro estado das rezes, e dos espadas «Zafra» e «Corsito» pouco houve digno de referencia. Teve as honras da tarde, em bandarilhas, o toureiro Joaquim de Oliveira, e nos quites sobresairam Ribeiro Tomé e Plas Flores, que tambem cravou um excelente par. Houve mais uma valente pega de Edmundo de Oliveira, e dos touros de Emilio Infante da Camara sou a dizer que mais bem aproveitados, a corrida teria obtido melhor luzimento. E agora que falo dos touros do nosso primeiro ganadero, quero rememorar, á falta de assunto desta corrida... um vulto que jámais se apagará da memoria dos autenticos aficionados do popular divertimento.

Refiro-me a Rafael José da Cunha, falecido em 1868 e que ainda hoje a «velha-guarda» recorda, pois que, até á actualidade, ainda nenhum ganadero tentou, sequer, aproximar-se do capricho que Rafael da Cunha teve em manter o credito do pavilhão de sua casa, que tão grandioso foi nesse saudoso tempo.

No ano de 1830 iniciou Rafael da Cunha a sua lavoura e creação de gado bravo, adquirindo as melhores rezes de cobrição para cruzamento de boas raças, até que em 1837, isto é, sete anos depois, debutou, fornecendo touros para a Praça do Campo de Sant'Ana, e tão feliz foi na sua estreia que as principaes emprezas espanholas entraram em negociações com o então novel ganadero, para o fornecimento de curros de touros destinados ás suas praças, os quaes foram os melhores que nessa epoca se lidaram em toda a Espanha.

Para se ajuizar do poder, bravura e outras qualidades desses touros, basta mencionar estes tres casos, puramente sintomaticos:

Na corrida em que pela primeira vez Rafael da Cunha forneceu gado bravo para o Campo de Sant'Ana, o valente cavaleiro Antonio Maximo de Amorim Veloso, nas rezes que farpeou, teve de mudar sete vezes de montadas e todo o trabalho que executou foi sempre debaixo de grandes riscos, como se poderá avaliar.

Noutra corrida, nessa praça, cujo compartimento de saida do curro tinha as paredes lateraes de cantaria com 23 centimetros de espessura, no acto de embolação, um touro daquele lavrador, ao torcer-se, partiu uma das referidas paredes, causando certo panico este inesperado e brutalissimo percalço.

Numa festa do cavaleiro Sedvem, ainda no Campo de Sant'Ana, um touro com oito corridas e de lide dificil, não podendo, como era seu intento, morder as crinas do pescoço do cavalo, no que sempre fôra useiro e vezeiro, taes eram os seus figados arrevezados, aproveitou uma pequena distracção do cavaleiro, para atirar com este e respectiva montada a longa distancia.

Ainda mais esta «pequena amostra»: Foram os touros deste notavel ganadero, que promoveram as mais graves colhidas aos celebres matadores «Carmona», «Tato», «Salamantino», «Cuchares» e «Frascuelo».

São inumeras as peripecias que se deram em arenas de praças de touros com os celebres «bichinhos» de Rafael José da Cunha, dos quaes apenas resta um tenue reflexo da sua especie, convertido em produto mercantil, pois que, se houvesse o capricho de preferencia, pelo nome glorioso que se eternisasse, ao do lucro monetario, como se está vendo—salvo raras excepções—com certeza que teriamos touros como houve em tempos idos, não só de Rafael da Cunha, como de outros importantes creadores de gado bravo, de que a seu tempo falarei.

ZÉPÊDRO

Detalhe da corrida, de hoje, no Campo Pequeno

1.º touro para—José Casimiro d'Almeida
2.º » » —Espada "Belmonte„
3.º » » —Manuel Casimiro
4.º » » —Espada "Revertito„
5.º » » —Fernando d'Almeida

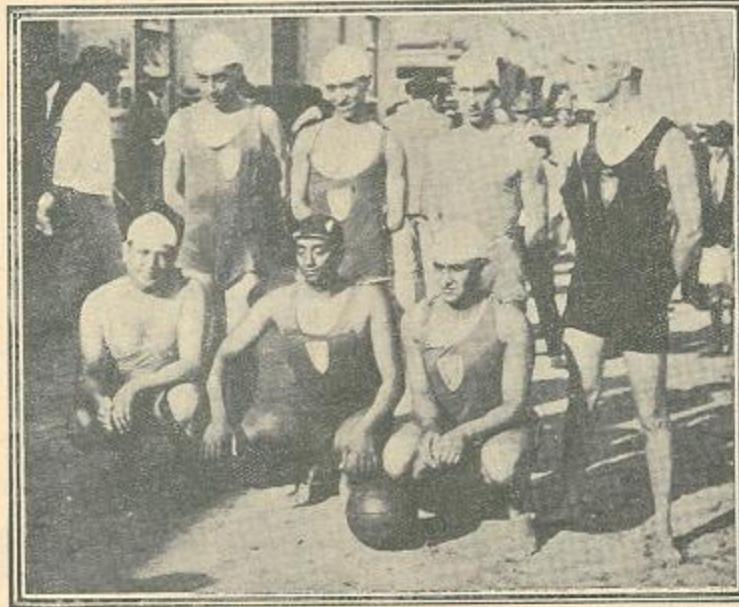
INTERVALO

5.º touro para—José Casimiro Junior
6.º » » —Espada "Belmonte„
7.º » » — José Casimiro d'Almeida
8.º » » —Espada "Revertito„

Este programa pode ser alterado por qualquer motivo impreevisto.

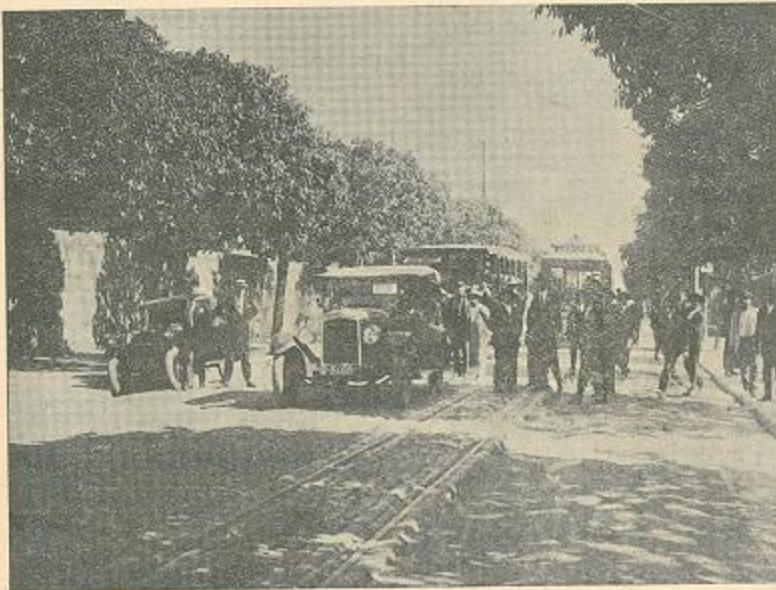
POSES FEMININAS...

Eis as posições que hoje tomam perante a objectiva estas netas da «Dama das Camelias» de romantica e saudosa memoria Trata-se de colegiais americanas no tempo de recreio..

OS SPORTS: CAMPEONATO DE WATER-POLO

A 1.ª categoria do Club Nacional de Natação que tomou parte no ultimo domingo no campeonato de water-polo, tendo feito uma bôa exibição.

A MULHER MODERNA

Banhistas norte-americanas fazendo exercicios antes do banho.

OS ACONTECIMENTOS

O transito de electricos, automoveis e camions interrompido na estrada do Lumiar, no momento em que as metralhadoras do capitão Franco rompiam fogo. A' esquerda o «Peugeot» de O Domingo ilustrado, com os nossos reporteres.

Os oficiais generais entrando no Palacio de Belem, ao iniciar-se o cerco e quando pela primeira vez foi dada ordem de prisão ao general sr. Gomes da Costa.

PUBLICIDADE

O transporte rapido e economico deve-se á

Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs

A INICIADORA DO TAXI EM PORTUGAL

TAXIS CITROËN

(DE PALHINHA)

O Taxi preferido pelo publico

SERVIÇO PERMANENTE DE DIA E DE NOITE

E NA ESTAÇÃO DO ROSSIO

PEDIDOS PELOS TELEFONES **N. 5521 e N. 5528**

Escritorio e Garage:

RUA ALMIRANTE BARROSO, 21—LISBOA

"LINFATINA" Nobre Sobrinho

BÉBÉS ASSIM só se obtêm dando lhes a «LINFATINA»—Nobre Sobrinho.

DEPOSITO

Teixeira Lopes & C.ª Ltd.

45, Rua de Santa Justa, 1.º
LISBOA

META

Combustivel
Solido—Ideal
Inalteravel
Inofensivo
Comodo e Limpo
Arde
como o Alcool

Lamparina META

Chegada a epoca de veranear, toda a pessoa pratica deve adquirir um aparelho META, pois com ele pod durante a viagem e no Hotel proporcionar-se um alimento quente, fazer chá, café, etc.

META é um companheiro imprescindivel. Use o combustivel META nos nossos aparelhos META, portateis, que fabricamos e temos de todas as formas e para todos os usos.

A' venda nas: Drogarias, Farmacias, Loja de Utilidades, Ferragens, etc.

CONCESSIONARIA PARA PORTUGAL E COLONIAS

Sociedade Meta, L.da

Telef. T. 300 RUA DA EMENDA, 100

A ELEGANTE

CHAPEUS

MODELOS

PARA

SENHORA E CREANÇA

O QUE HA DE MAIS CHIC

(Inscrita no reclame americano)

39, Rua da Palma, 41 LISBOA

A Fotografia Brazil

: EXPÕE PRESENTEMENTE OS : MAIS ARTISTICOS TRABALHOS DE FOTOGRAFIA D'ARTE QUE : SE EXECUTAM EM LISBOA :

R. da Escola Politecnica, 14

Por 7$500

Pode rir durante duas horas lendo o livro de contos comicos

O CEGO DA BOA-VISTA

Telefone 1094 N.

FUNERAES

SIMPLES E LUXUOSOS

SERVIÇO PERMANENTE

MARIO AUGUSTO DA SILVA MILHEIRO

131, RUA DOS ANJOS, 133
LISBOA TELEF. 1094 N.

Telefone 1094 N.

MOTORES

A GAZ E OLEOS PESADOS

Locomoveis

DEBULHADORAS
CAMINHEIRAS
MAQUINAS PARA A AGRICULTURA E INDUSTRIAS

Duarte Ferreira & F.os

Tramagal e

LISBOA—Avenida Presidente Wilson, 17 a 25

LOPES & CABRAL

Casa especialisada em artigos de mercearia

Produtos nacionais e estrangeiros.
Tudo de primeira qualidade.
Preços de actualidade.

177, AVENIDA DA LIBERDADE, 181
LISBOA
TELEFONE 142 N.

VESTIR COM GOSTO E ELEGANCIA SÓ NO ATELIER DE

Cecilia Fernandes

PREÇOS OS MAIS ECONOMICOS

Em breve Exposição de Modelos

Rua dos Retrozeiros, 85, 3.º—LISBOA

CARDOSO

134 RUA DA PRATA, 136

LISBOA

OS MAIS CHICS CHAPEUS
MODELOS PARA VERÃO

ESPECIALIDADE E VARIADO SORTIDO EM CHAPEUS DE LUTO

PREÇOS MODICOS

A'S EX.MAS MODISTAS

TEIXEIRA L.da

ANTIGA CASA ALCANTARA

139, RUA AUREA, 2.º

RECEBERAM AS ULTIMAS NOVIDADES EM ARTIGOS PARA CHAPEUS

BREVE

EXPOSIÇÃO DE LINDOS FELTROS E FLAMONS

TELEFONE C. 196

BARROS & SANTOS

RUA DO OURO, 234 A 242

ENORME SORTIDO DE
ARTIGOS DE CAMISARIA
TECIDOS DE ALGODÃO E SEDA
ATOALHADOS, MALAS
E ARTIGOS DE VIAGEM
CHAPELARIA, ETC., ETC.

NO MEZ DE JULHO SALDOS DE FIM DE ESTAÇÃO

A MAIOR TIRAGEM DE TODOS OS SEMANARIOS PORTUGUEZES

O DOMINGO *ilustrado*

ASSINATURAS
CONTINENTE E HESPANHA
ANO - 48 ESCUDOS -
SEMESTRE - 24 ESC. -
TRIMESTRE - 12 ESC. -

ASSINATURAS
COLONIAS
ANO, 52$20 - SEMESTRE, 26$10
ESTRANGEIRO
ANO, 64$64 - SEMESTRE, 32$32

NÃO FAZ CAMPANHAS — PUBLICA TODA A RECLAMAÇÃO JUSTA — NÃO TEM POLITICA

Um grande espectaculo de emoção no Coliseu

Como na antiga Roma, revivem hoje na arena deste circo os combates entre atletas, que foram um dos mais belos traços das civilisações antigas e serão ainda hoje um grande atractivo de arte moderna.

DENTRO: Duas novelas completas, colaboração de André Brun, Thomaz Colaço, Feliciano Santos, Augusto Cunha, Leitão de Barros, etc.